FILOSOFIA E CONSCIÊNCIA NEGRA

DESCONSTRUINDO O RACISMO

Vol 2: Outras margens da filosofia: Filosofias Africana e Latino-Americana

Caro estudante,

Este é o segundo caderno do Projeto Didático **Filosofia e Consciência Negra: desconstruindo o racismo**, iniciativa do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência/PIBID Filosofia da Universidade Federal de Mato Grosso em parceria com as Escolas Estaduais Francisco Alexandre Ferreira Mendes e Presidente Médici.

No primeiro caderno (*Vol. 1 – Racismo Científico no Brasil e no Mundo*) discutimos, através da história das ideias, a construção de algumas das teorias racistas nos séculos XIX e XX. Aqui trilharemos um caminho mais específico, destacando determinadas correntes filosóficas e ideias surgidas na África e na América Latina que, de variadas formas, procuraram combater o racismo e apresentar alternativas para a construção de um mundo mais justo e culturalmente diverso.

O *Vol.2 – Outras margens da filosofia: Filosofias Africana e Latino-americana* pretende permitir um contato inicial com expressões filosóficas contemporâneas elaboradas em solo africano e latino-americano, com destaque para as produções brasileiras. Você descobrirá filósofos e filósofas ainda pouco divulgados no país e nos livros didáticos de filosofia. Tomará contato com textos de autores fundamentais para as lutas de libertação nos países da África e da América Latina e conhecerá um pouco das pesquisas recentes em filosofia nas universidades nacionais.

Sintam-se convidados e convidadas a navegar por outras margens da reflexão filosófica. Bons estudos!

PIBID Filosofia UFMT

Sumário

Problematizando **3**

Filosofia Africana: Tendências Contemporâneas **5**

Corrente Cultural 5
Corrente Ideológica 6
Corrente Acadêmica 7

Textos Filosóficos **9**

A Experiência Vivida Do Negro 9
Racismo e Cultura 11
A Filosofia Ubuntu Dos Direitos Humanos 12

Filósofos e Filósofas Africanos **14**

Filosofia Latino-Americana: Perspectivas Afro-Brasileiras **17**

Afroperspectivismo 17
Filosofia da Ancestralidade 19

Atividades **21**

Sugestões **22**

Problematizando

A Filosofia seria uma forma de pensamento exclusiva de alguns povos? Ou será que cada povo elabora uma visão filosófica de mundo? Os questionamentos filosóficos sobre a verdade, o justo, a beleza, a finitude da vida, a existência dos deuses são de fato universais, isto é, válidos para todos independente da cultura de cada povo ou país? E as respostas a essas indagações seriam válidas para todos ou variariam de acordo com a cultura e o local? Existe uma filosofia africana? Se não existe, quais seriam as causas dessa ausência? Se existe, por que não conhecemos suas reflexões e autores? Haveria uma filosofia africana única ou diversas tendências filosóficas dentro do continente africano? Mas, se se pode falar de filosofia africana por que tal filosofia e seus filósofos não estão presentes nos livros didáticos de filosofia?

Diante dessas questões o filósofo Mogobe Ramose faz a seguinte observação:

"*Os conquistadores da África durante as injustas guerras de colonização se arrogaram a autoridade de definir filosofia. Eles fizeram isto cometendo epistemicídio, ou seja, o assassinato das maneiras de conhecer e agir dos povos africanos conquistados. O epistemicídio não nivelou e nem eliminou totalmente as maneiras de conhecer e agir dos povos africanos conquistados, mas introduziu, entretanto, - e numa dimensão muito sustentada através de meios ilícitos e 'justos' - a tensão subsequente na relação entre as filosofias africana e ocidental na África*". (*Sobre legitimidade do estudo da filosofia africana*, p. 5-6).

Ramose então considera que o que conhecemos comumente como filosofia excluiu, devido o **colonialismo**, outras formas de filosofia presentes no mundo. Dessa forma, a filosofia foi concebida como uma exclusividade de alguns povos e culturas, notadamente a cultura ocidental europeia.

Outro filósofo, Joseph Omoregbe, discorre sobre as características da filosofia, sua relação com a experiência humana comum e como essa experiência não é exclusiva de uma cultura, mas uma presença que se pode verificar em distintas culturas. Nas palavras de Omoregbe:

"Os seres humanos têm se direcionado para reflexões sobre toda a realidade. Refletir sobre uma dessas questões, buscar explicações e respostas é filosofar. Não existe uma parte do mundo onde as pessoas nunca tenham refletido acerca de questões básicas da condição humana ou sobre o universo físico. Em outras palavras, não existe nenhum lugar no mundo onde os seres humanos não tenham filosofado. A inclinação para refletir sobre questões filosóficas fundamentais faz parte da natureza humana; esta tendência está na raiz do instinto natural de curiosidade do homem – o instinto de saber.

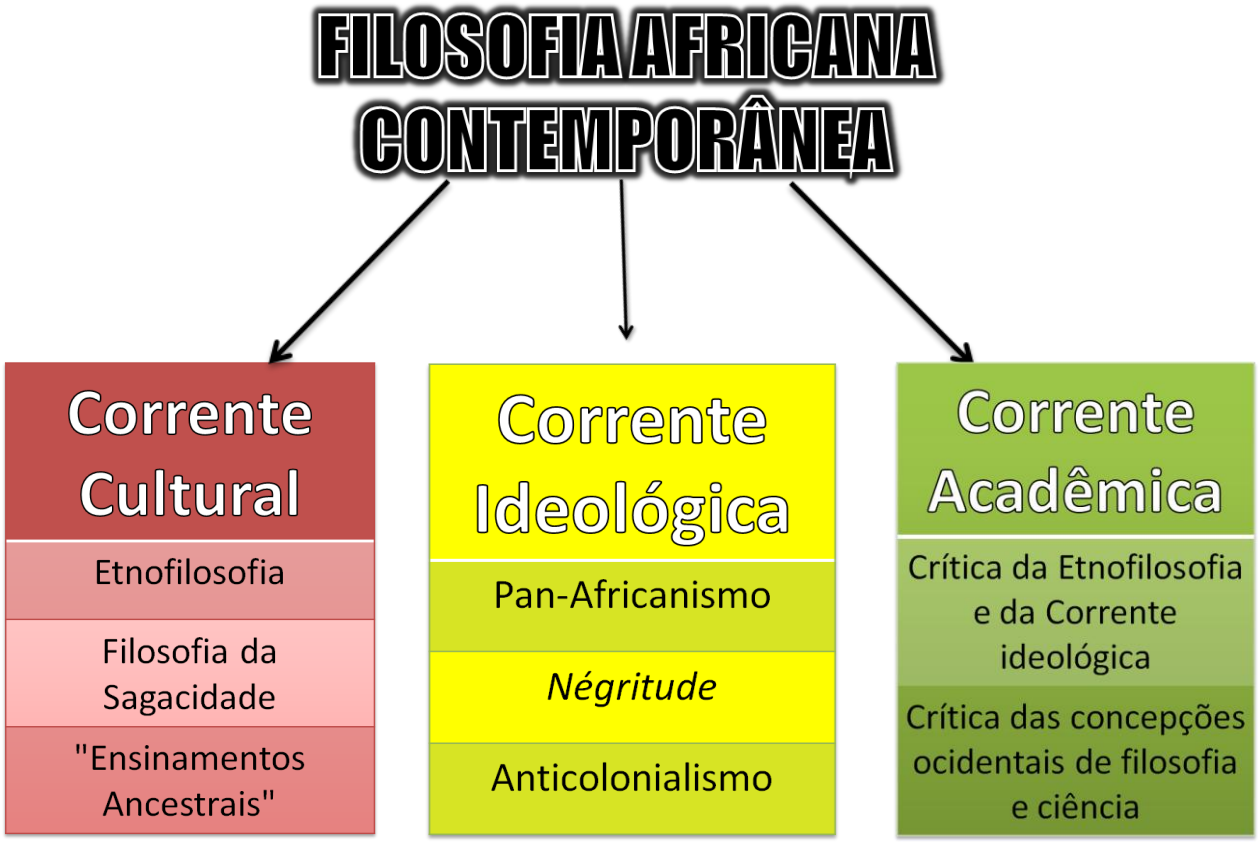
*Natureza humana e experiência humana são basicamente a mesma coisa em todo o mundo, a tendência para filosofar é constitutiva da natureza humana. Daí, o filósofo alemão Karl Jaspers ter dito que 'o homem não pode evitar filosofar' (*Jaspers, Introduction à la Philosophie, LibrariePlon,1974, p.1*). Em certa medida, num sentido genérico, todo ser humano é filósofo, na medida de que uma ou outra vez na vida, reflete sobre questões filosóficas fundamentais acerca da existência ou do universo físico.*

COLONIALISMO

Este termo refere-se às práticas, teorias e atitudes envolvidas no estabelecimento e na manutenção de um império - sendo esta uma relação na qual um Estado mantém efetiva soberania política sobre um território tipicamente distante. A presença europeia nessas colônias praticamente se reduzia aos quadros administrativos, militares, técnicos e comerciantes (necessidade de espaço, de serviço braçal, força militar e expansão comercial). A montagem de um sistema colonial de dominação de tal proporção dependia desde o início da cooperação de parte das populações locais, sem a qual não teria sido possível controlar extensos territórios. Para facilitar e justificar as formas de dominação, o colonialismo moderno criou categorias culturais e religiosas, como a definição colonial de civilização "branca, culta e inserida na História" (o que, segundo Hegel, exclui as Américas e a África); e a ideia católica de que os índios não possuíam alma. Definições como essas marginalizam a cultura do local e, de certa forma, obrigam a população colonizada a se encaixar nos padrões estabelecidos pelos colonizadores. O colonialismo é marcado principalmente pela violência e pelo "encobrimento" cultural/social/histórico do colonizado.

Por exemplo, nos funerais ou na hora da morte física ou do sofrimento, doença, dor, miséria, etc., os homens ficam aptos a refletir sobre o sentido da vida. Contudo, no sentido estrito do termo, um filósofo é alguém que dedica uma parte significativa do seu tempo para regularmente refletir sobre essas questões. Essas pessoas existem no mundo todo e podem ser encontradas entre todos os povos, em todas as civilizações e em toda parte do planeta. Não é apenas no mundo ocidental que as pessoas refletem sobre questões fundamentais acerca da existência e do universo. Em qualquer civilização existiam aqueles que estavam tomados pelo 'espanto' e maravilhados com as complexidades do ser humano e do universo físico. Pessoas que regularmente dedicavam muito tempo refletindo sobre questões fundamentais que surgiam desse encantamento com a realidade ou de sua complexidade, eram os filósofos dessas civilizações". (J. I. Omoregbe. *Filosofia Africana: ontem e hoje*).

A partir dessas considerações apresentaremos um panorama da Filosofia Africana contemporânea destacando suas principais tendências e autores. Isso nos permitirá conhecer um pouco sobre as outras filosofias elaboradas no mundo e ampliar nossos horizontes culturais.



FILOSOFIA AFRICANA: TENDÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS

A Filosofia Africana não se restringe a uma única expressão. Há variadas formas de filosofia em África. Certamente todas essas formas sofreram o impacto do colonialismo e o confronto com o pensamento filosófico ocidental. A maneira como tais elementos foram desenvolvidos na tentativa de produzir um pensamento próprio marca as distintas tendências da filosofia africana contemporânea. Alguns dos principais questionamentos referem-se à: existência ou não de uma especificidade de temas e noções de um pensamento filosófico africano; a relação entre modernidade ocidental e tradição africana; a possibilidade de uma filosofia oral nas diversas etnias que compõe o continente; o papel da filosofia nas lutas pela independência política e cultural dos países; a articulação entre sabedoria tradicional e filosofia acadêmica.

A elaboração dessas tendências filosóficas contou tanto com a presença de pensadores nascidos no continente africano que elaboraram textos de cunho filosófico quanto com negros latino-americanos e caribenhos que assumiram alguma nacionalidade africana ou que consideravam a África como sua pátria-mãe ancestral.

Distinguiremos três grandes tendências da Filosofia Africana contemporânea. Tal divisão didática visa facilitar uma visão panorâmica e não pode ser tomada como algo fechado, uma vez que há pontos e autores em comum entre as correntes.

CORRENTE CULTURAL

A corrente **Cultural** reconhece a existência de uma filosofia na África tradicional (isto é, nas diferentes etnias: dagara, dogons, iorubá, bantu, wolof, akan, dentre outras), examina os elementos filosóficos presentes em distintas manifestações culturais (na religião, nas formas de organização social, nas línguas, por exemplo) e explora de modo sistemático os complexos do pensamento tradicional. Essa corrente tende a uma forma de pensamento coletivo, transmitido oralmente e expresso nas línguas africanas autóctones. Suas ideias são frequentemente compreensíveis ao indivíduo comum e tratam sobre o modo de vida de um povo, as regras sociais de uma comunidade, a sabedoria dos ancestrais, as relações entre o ser humano e a natureza, entre casais e entre governantes e governados, questões religiosas como a relação entre os mortos e os vivos e a existências das divindades. A corrente cultural opõe-se ao mito de que os africanos possuem uma "mentalidade primitiva", pouco desenvolvida e por isso seriam incapazes de produzir um pensamento abstrato, conceitual.

Dentro da corrente cultural destacam-se três perspectivas:

a) Etnofilosofia: procura apresentar a coerência e o conjunto das cosmovisões tradicionais africanas, demonstrar a racionalidade existente nas práticas rituais, nos mitos, nos contos, nos provérbios africanos dos distintos povos. A etnofilosofia concebe o pensamento africano tradicional como filosófico e utiliza o método etnográfico para realizar suas pesquisas. Um dos marcos iniciais da etnofilosofia foi o livro *Filosofia Bantu* do missionário belga **Placide Tempels** sobre o pensamento dos povos de língua bantu. Outros representantes são: Alexis Kagame e Kwame Gyekye.

Placide Tempels (1906 – 1977) padre e missionário belga. Escreveu o livro *A Filosofia Bantu* (1945), neste livro procurou caracterizar os traços essenciais do pensamento dos povos de língua banto da África Central e do Sul. Tempels afirmou que o pensamento Bantu tinha como princípio fundamental a noção de força vital.

b) Filosofia da Sagacidade: trata dos "sábios filosóficos", ou seja, das reflexões de uma pessoa conhecedora dos saberes do seu povo, um pensador crítico e racional. Para **Henry Odera Oruka**, o principal representante dessa perspectiva, "a filosofia dos sábios" consiste "nos pensamentos expressados por homens e mulheres sábios em qualquer comunidade dada. Esses pensamentos podem ser expressados por escrito ou como máximas não-escritas e argumentos associados a

algum(uns) indivíduo(s) sábio(s). A filosofia-dos-sábios é uma maneira de pensar e explicar o mundo que flutua entre a sabedoria popular (máximas comuns bem conhecidas, aforismo e verdades gerais de sentido comum) e a sabedoria didática, uma sabedoria exposta e um pensamento racionalizado de alguns indivíduos dentro de uma comunidade (H. O. Oruka. *As perguntas básicas sobre a filosofia-dos-sábios em África*, 1994).

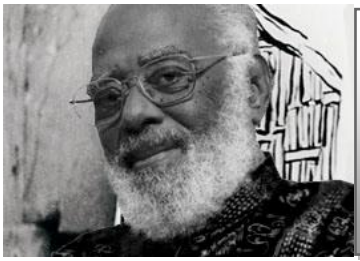
c) "Ensinamentos ancestrais": assemelha-se à etnofilosofia, porém tem um caráter menos sistemático. Nessa perspectiva temos algumas obras que apresentam os ensinamentos tradicionais de um povo sobre um tema específico, dando ênfase às questões relacionadas às relações sociais, pessoais e à espiritualidade. Uma representante dessa linha é a filósofa **Sobonfu Somé**.

CORRENTE IDEOLÓGICA

Em filosofia o termo **ideologia** apresenta vários sentidos. O sentido do termo nesta corrente da Filosofia Africana é o de ideias-mestras orientadoras da ação política. A corrente **ideológica**, portanto, caracteriza-se por preocupações fundamentalmente políticas. Os trabalhos e estudos desenvolvidos pretendem, em primeiro lugar, corrigir a situação política e cultural dos povos de África sob o regime colonial e imperialista dos europeus. Nesse sentido, procuram analisar a condição de África em sua totalidade ou dos negros pelo mundo afora. O marxismo exerceu influência em boa parte de seus teóricos, que também dialogaram com outras correntes filosóficas europeias como o existencialismo. O grande tema é a libertação e a busca pela autonomia política, econômica e cultural. Seus principais autores normalmente escrevem nas línguas europeias (inglês, francês, português), com exceção dos autores de língua árabe. As elaborações filosóficas da corrente ideológica são mais acessíveis aos intelectuais, políticos, estudantes e camadas urbanas.

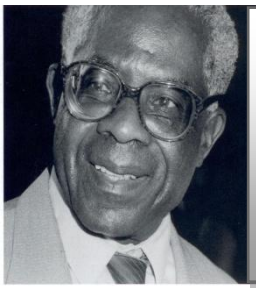
Três enfoques se destacam nessa corrente:

a) Pan-africanismo*:* movimento político de contestação ideológica às doutrinas que postulavam a inferioridade dos negros. Inicialmente articulado fora do continente africano por afrodescendentes das Américas, Caribe e Europa, tendo à frente o intelectual William E. B. Du Bois. Contou com ampla inserção nas massas negras e influenciou líderes políticos de diversos estados africanos (Nigéria, Gana, Quênia, por exemplo). Partia da compreensão de que os africanos nada poderiam esperar de benefício da dominação colonialista. Apontava para a necessidade da união dos povos negros espalhados pelo mundo, a unificação dos africanos e o resgate de suas origens culturais. Um dos principais representantes foi **Kwame Nkrumah**, filósofo e posteriormente presidente de Gana.

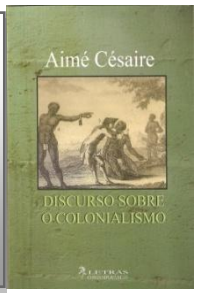


Abdias Nascimento (Franca, 14/03/1914 — Rio de Janeiro, 24/05/2011) foi um poeta, ator, escritor, dramaturgo, artista plástico, professor universitário, político e ativista dos direitos civis e humanos das populações negras. Atuou em movimentos nacionais e internacionais como a Frente Negra Brasileira, a Negritude e o **Pan-Africanismo**. Elaborou o conceito de *quilombismo*, uma releitura do pan-africanismo, definido como uma posição intelectual e política onde a grande questão é a descolonização mental.

b) *Négritude:* movimento literário e cultural iniciado na década de 1930 pelo poeta martinicano **Aimé Césaire** e outros artistas negros de língua francesa. Pretendia redescobrir antigos valores e modos de pensar africanos, de modo a promover o sentimento de orgulho e dignidade de ser negro e ser africano. De acordo com **Leopold Sédar Senghor**, um dos seus principais teóricos, a *négritude foi* "a conscientização e o desenvolvimento dos valores africanos"*.*



Aimé Césaire (1913-2008) – Martinicano-francês, poeta surrealista, professor e político, viveu em Paris, onde, juntamente com Léopold Senghor, criou a noção de *négritude*. Uma de suas obras filosóficas mais importantes é o *Discurso sobre o colonialismo.*



c) Anticolonialismo: refere-se às reflexões de alguns autores que também se engajaram nas lutas contra o colonialismo em África e receberam influências do pan-africanismo. Entretanto, seus trabalhos se distinguem em dois pontos principais: **1)** uma marcada crítica ao movimento da *négritude* por considerar que suas análises não levavam adequadamente em conta os aspectos sociais e econômicos do racismo e terminavam por defender uma visão "romântica" das tradições africanas; **2)** pelas discussões acerca da violência revolucionária, do papel da educação e da cultura no processo de libertação política e pela defesa de um humanismo radical solidário com as lutas por liberdade em qualquer parte do mundo.

Dois autores, dentre outros, se destacam por suas obras, militância política e repercussões entre intelectuais e movimentos políticos e sociais: **Frantz Fanon** e **Amílcar Cabral**.

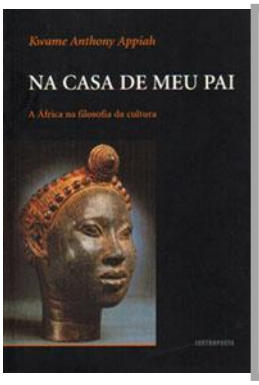
A Respeito da Violência (2014, 78 min) é um documentário realizado com imagens de arquivo sobre os movimentos independentistas africanos dos anos 1960-70 conjugadas com escritos do filósofo Frantz Fanon (*Os Condenados da Terra*, de 1961), lidos pela cantora Lauryn Hill. O diretor sueco Göran Hugo Olsson constrói uma inquietante narrativa visual que proporciona um novo olhar sobre a História do continente africano, do colonialismo europeu e do racismo. O filme recebeu o Prémio Fairbindet no Festival de Berlim.

CORRENTE ACADÊMICA

Trata-se da filosofia elaborada nas academias, isto é, nos centros de estudos superiores e universidades. Reúne as investigações de filósofos profissionais, muitos dos quais com formação acadêmica obtida em universidades europeias e norte-americanas. A corrente **acadêmica**, assim, apresenta uma profunda influência das tradições intelectuais ocidentais e, até certo ponto, traz a filosofia para um debate mais teórico, científico e metódico. As obras dessa corrente costumam ser escritas nas línguas inglesa, francesa e portuguesa.

Podem-se destacar dois grupos de filósofos acadêmicos:

a) Os críticos da etnofilosofia e da corrente ideológica: normalmente adotam a ideia de que a filosofia apresenta uma característica única, independentemente das culturas, marcada pela universalidade, argumentação e expressão escrita. Destacam ainda que a filosofia não deve ser simplesmente auxiliar da religião ou da política, mas possuir preocupações próprias que podem ou não estar ligadas a esses temas. Alguns representantes desse grupo são: **Paulin J. Hountondji**; **Kwame Anthony Appiah**; Marcien Towa; Kwasi Wiredu; Stanilas Adotevi; e, em certa medida, **Valentin Mudimbe**.



O livro **Na Casa de Meu Pai: A África na Filosofia da Cultura** (Kwame Anthony Appiah) impressiona, tanto pelo caráter interdisciplinar (pois incursiona pela biologia, filosofia, crítica e teoria literárias, sociologia, antropologia e história) quanto pelo aspecto intercultural (pois discute idéias africanas, norte-americanas e europeias). Entre outros temas, Appiah critica de forma impiedosa a idéia de que existam raças humanas, mostra como a tentativa de construir uma identidade africana levou a minimizar-se a enorme diversidade cultural desse continente

b) Os críticos das concepções ocidentais de filosofia e ciência: filósofos que, sem desconsiderar a filosofia ocidental, discutem o uso das noções de ciência e filosofia no contexto dos desdobramentos das iniciativas coloniais europeias. Suas investigações procuram dialogar as tradições culturais africanas e as concepções ocidentais no sentido de apontar as influências recíprocas e os usos políticos de determinadas noções. Alguns representantes desse grupo são: Théophile Obenga; J. Omoregbe e **Mogobe Ramose**.

Edição online, número 353, da **Revista do Instituto Humanitas Unisinos** sobre a filosofia **Ubuntu**. Traz artigos e entrevistas com vários estudiosos, inclusive o filósofo sul-africano Mogobe Ramose.

Disponível em:

http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3686&secao=353

ENTENDENDO AS PALAVRAS

Banto: Plural de muntu ou munto, membros da família linguística dos africanos originários da África central, centro-ocidental, oriental e austral, cujas línguas, apesar de serem diferentes, pertencem a uma mesma família linguística. Essas línguas são ditas bantu ou banta, porque todas utilizam a palavra u-untu, singular; Ba-ntu, plural, para designar o ser humano.

TEXTO 1

Nascido na ilha da Martinica em 20 de julho de 1925, **Frantz Fanon** *foi um importante filósofo na luta anticolonialista do século XX. Em sua obra* Pele Negra, Máscaras Brancas *(1952), Fanon discorre sobre a Diáspora Africana e a ideologia de branqueamento do negro. O texto abaixo é um fragmento do capítulo 5 dessa obra em que, a partir de sua experiência com o outro, o branco, o autor descobre-se enquanto negro*.

A EXPERIÊNCIA VIVIDA DO NEGRO

Cheguei ao mundo pretendendo descobrir um sentido nas coisas, minha alma cheia do desejo de estar na origem do mundo, e eis que me descubro um objeto em meio a outros objetos. [...]

Na América, os pretos são mantidos à parte. Na América do Sul, chicoteiam nas ruas e metralham os grevistas pretos. Na África Ocidental, o preto é um animal. E aqui, bem perto de mim, ao meu lado, este colega de faculdade, originário da Argélia, que me diz: “Enquanto pretenderem que o árabe é um homem como nós, nenhuma solução será viável”.

– Veja meu caro, eu não tenho preconceito de cor...Ora esse, entre *monsieur*, em nossa casa o preconceito de cor não existe!... Perfeitamente, o preto é um homem como nós... Não é por ser negro que é menos inteligente do que nós... Tive um colega senegalês no regimento que era muito refinado...

Onde me situar? Ou melhor, onde me meter? Martinicano, originário de “nossas” velhas colônias.

Onde me esconder?

Olhe preto!...Mamãe, um preto!... Cale a boca, menino, ele vai se aborrecer! Não ligue, *monsieur*, ele não sabe que o senhor é tão civilizado quanto nós...

Meu corpo era devolvido desancado, desconjuntado, demolido, todo enlutado, naquele dia branco de inverno. O preto é animal, preto é ruim, o preto é malvado, o preto é feio; olhe, um preto!

Faz frio, o preto treme, o preto treme porque sente frio, o menino treme porque tem medo do preto, o preto treme de frio, um frio que morde os ossos, o menino bonito treme porque pensa que o preto treme de raiva, o menino branco se joga nos braços da mãe: mamãe, o preto vai me comer!

Nas proximidades do branco, no alto os céus se desmantelam, debaixo dos meus pés a terra se arrebenta, sob um cântico branco, branco. Toda essa brancura que me calcina...

Sento-me perto da fogueira e encontro minha libré. Não a tinha percebido antes. Ela é realmente feia. Mas atenção, pois quem saberá me dizer o que é a beleza?!

Onde me meter de agora em diante? Sentia subir de todas as partes dispersas do meu ser um fluxo facilmente identificável. Eu estava ficando com raiva. O fogo há muito tempo estava morto, mas eis que novamente o preto tremia.

– Olhe, ele é bonito, esse preto...

– O preto bonito tá cagando pra você, madame!

A vergonha ornamentou o rosto da madame. Enfim eu ficava livre de minhas ruminações. No mesmo momento compreendi duas coisas: identificava meus inimigos e provocava escândalo.

Completamente satisfeito, íamos, enfim, poder nos divertir.

O campo de batalha tendo sido como delimitado, entrei na luta.

Como assim? No momento em que eu esquecia, perdoava e desejava apenas amor, devolviam-me, como uma bofetada em pleno rosto, minha mensagem! O mundo branco, o único honesto, rejeitava minha participação. De um homem exige-se uma conduta de homem; de mim, uma conduta de homem negro – ou pelo menos uma conduta de preto. Eu acenava para o mundo e o mundo amputava meu entusiasmo. Exigiam que eu me confinasse, que encolhesse.

Mas eles iam ver! Eu já os tinha prevenido... A escravidão? Não se falava mais disso, era uma lembrança ruim. A pretensa inferioridade? Uma pilhéria da qual era melhor rir. Eu acreditava esquecer tudo, com a condição de que o mundo não me escondesse mais suas entranhas. Tinha de testar meus incisivos. Eu os sentia robustos. E depois...

Como assim? Quando então eu tinha todos os motivos para odiar, detestar, rejeitavam-me? Quando então devia ser adulado, solicitado, recusavam qualquer reconhecimento? Desde que era impossível livrar-me de um *complexo inato*, decidi me afirmar como negro. Uma vez que o outro hesitava em me reconhecer, só havia uma solução: fazer-me conhecer.

* *libré* (do francês *livrée*): uniforme de criados, em casas nobres.

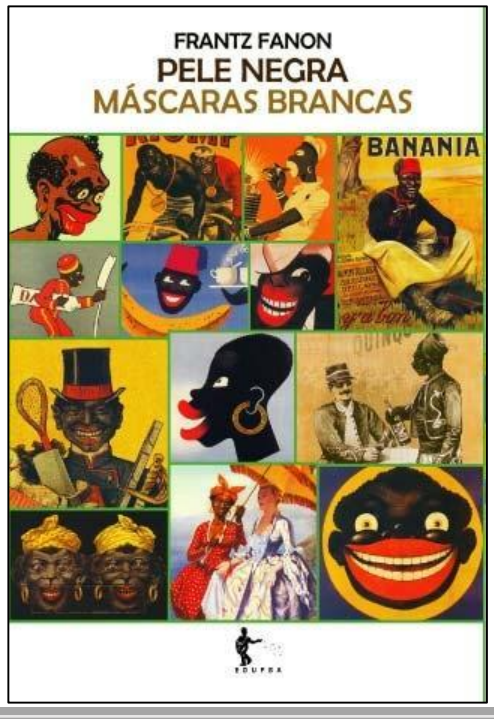
Fonte: Frantz FANON. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008 (Capítulo 5 - A experiência vivida do negro, p. 103-108)

QUESTÕES

1) No texto, o autor relata a experiência de vida de um alguém perdido no mundo, deslocado e até abandonado. Encontre no texto características que demonstrem tais sentimentos e explique, com suas palavras, por que o autor se sente dessa forma.

2) "Olhe o preto!... Mamãe, um preto!... Cale a boca, menino, ele vai se aborrecer! Não ligue, *monsieur*, ele não sabe que o senhor é tão civilizado quanto nós...".

Analise o excerto da obra *Pele negra, máscaras brancas* (1952) de Frantz Fanon e disserte sobre o racismo que temos nos dias de hoje. Para você, as formas de racismo mudaram com o passar do tempo? Justifique.



Pele Negra, Máscaras Brancas (Frantz Fanon). Neste livro-ensaio, uma tentativa de compreensão das relações entre negros e brancos, o autor mostra como o branco é preso à sua *branquitude* e o negro à *negritude*. A saída, segundo ele estaria na recusa dos dois narcisismos (branco e negro) e na tomada de consciência dos fatores históricos e socioeconômicos. Critica a *negritude* de Senghor e outros protagonistas.

TEXTO 2

O texto a seguir é um recorte do escrito de intervenção de **Frantz Fanon** *no Primeiro Congresso dos Escritores e Artistas Negros em Paris, em setembro de 1956. Foi depois publicado no número especial da revista* Présence Africaine*, de junho-novembro de 1956. Após o falecimento do autor, o texto foi agrupado em uma coletânea. O tema é relação entre o racismo e a cultura. O filósofo discorre sobre a presença do racismo na cultura e seu lugar no sistema de dominação de um grupo ou país sobre o outro.*

RACISMO E CULTURA

O racismo, vimo-lo, não é mais do que um elemento de um conjunto mais vasto: a opressão sistematizada de um povo. Como se comporta um povo que oprime? Aqui, encontram-se constantes. Assiste-se à destruição dos valores culturais, das modalidades de existência. A linguagem, o vestuário, as técnicas são desvalorizados. Como dar conta desta constante? Os psicólogos que têm tendência para tudo explicar por movimentos da alma pretendem encontrar este comportamento ao nível dos contatos entre particulares: crítica de um chapéu original, de uma maneira de falar, de andar…

Semelhantes tentativas ignoram voluntariamente o caráter incomparável da situação colonial. Na realidade, as nações que empreendem uma guerra colonial não se preocupam com o confronto das culturas. A guerra é um negócio comercial gigantesco e toda a perspectiva deve ter isto em conta. A primeira necessidade é a sujeição, no sentido mais rigoroso, da população autóctone. Para isso, é preciso destruir os seus sistemas de referência. A expropriação, o despojamento, o assassinato objetivo, desdobram-se numa pilhagem dos esquemas culturais ou, pelo menos, condicionam essa pilhagem. O panorama social é desestruturado, os valores ridicularizados, esmagados, esvaziados. Desmoronadas, as linhas de força já não ordenam. Frente a elas, um novo conjunto, imposto, não proposto, mas afirmado, com todo o seu peso de canhões e de sabres[...]

O racismo avoluma e desfigura o rosto da cultura que o pratica. A literatura, as artes plásticas, as canções para costureirinhas, os provérbios, os hábitos, os *patterns* [padrões], quer se proponham fazer-lhe o processo ou banalizá-lo, restituem o racismo. O mesmo é dizer que um grupo social, um país, uma civilização, não podem ser racistas inconscientemente. Dizemo-lo mais uma vez: o racismo não é uma descoberta acidental. Não é um elemento escondido, dissimulado. Não se exigem esforços sobre-humanos para o pôr em evidência. O racismo entra pelos olhos adentro precisamente porque se insere num conjunto caracterizado: o da exploração desavergonhada de um grupo de homens por outro que chegou a um estágio de desenvolvimento técnico superior. É por isso que, na maioria das vezes, a opressão militar e econômica precede, possibilita e legitima o racismo. O hábito de considerar o racismo como uma disposição do espírito, como uma tara psicológica, deve ser abandonado.

Fonte: Frantz Fanon. *Em defesa da revolução africana*. Trad. Isabel Pascoal. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1980, p. 37-42.

QUESTÕES

1) Explique a seguinte afirmação de Fanon: "um grupo social, um país, uma civilização, não podem ser racistas inconscientemente".

2) Fanon afirma que na subjugação de um povo ou país vê-se a “destruição dos valores culturais, das modalidades de existência. A linguagem, o vestuário, as técnicas são desvalorizados”. Você conhece algum exemplo dessa forma de desvalorização e destruição? Cite-a e comente-a com seus colegas.

TEXTO 3

No texto abaixo, o filósofo sul-africano **Mogobe Ramose** *apresenta dois princípios éticos do ubuntu e os relaciona aos direitos humanos. Em seguida, baseado nesses princípios, faz uma crítica à globalização atual e estabelece uma comparação entre a filosofia ocidental e a filosofia ubuntu dos direitos humanos.*

A FILOSOFIA UBUNTU DOS DIREITOS HUMANOS

Procurei discutir aqui duas teses encontradas na maioria das línguas africanas nativas. A primeira é *Motho ke motho ka batho* e a segunda, *Feta kgomo o tshware motho*. Uma tradução literal destes dois aforismos filosóficos africanos em língua Sepedi (Sotho do Norte) não é para aqui chamada, uma vez que ela dificilmente seria suficiente para transportar de forma adequada o significado exato da língua original. Procurarei, portanto, transmitir apenas o significado essencial. O primeiro aforismo afirma que ser humano é afirmar a humanidade própria através do reconhecimento da humanidade dos outros e, sobre tal embasamento, estabelecer relações humanas respeitosas com eles. Consequentemente, o *ubuntu* constitui o significado essencial do aforismo: *Motho ke motho ka batho*. O aforismo é sustentado por dois princípios filosóficos conceptualmente inter-relacionados. Um é que o ser humano individual é o sujeito – e não um objeto – de valor intrínseco em si mesmo. Se assim não fosse, não teria sentido basear a afirmação da humanidade de uma pessoa sobre o reconhecimento da mesma no outro. Faz sentido apontar que depreciar e desrespeitar o outro ser humano é, antes de mais nada, depreciar-se e desrespeitar-se a si próprio apenas e só se a pessoa aceitar que ela mesma é um sujeito merecedor de dignidade e respeito. A reivindicação que alguém faz em relação a si mesmo é exatamente aquela que deverá conceder ao outro. Logo, o conceito de dignidade humana não é de forma alguma estranho à filosofia tradicional africana. E assim nada poderia servir melhor como base para uma filosofia indígena dos direitos humanos. Outro princípio, relacionado de maneira próxima ao primeiro, é que *motho* é humano somente e verdadeiramente no contexto das relações reais com outros seres humanos. Isto não deve ser pensado como significando que as relações com a, assim chamada, natureza física ou com o meio ambiente em geral não são relevantes. Nem quer dizer que o grupo é primordial, e portanto superior, ao indivíduo. O ponto crucial aqui é que *motho* nunca é uma entidade acabada, no sentido em que o contexto relacional revela e oculta as potencialidades do indivíduo. As potencialidades ocultas são reveladas sempre que sejam realizadas na esfera prática das relações humanas. Fora desta esfera, *motho* é um fóssil congelado. Na linha deste argumento, a filosofia africana indígena dos direitos humanos avança a partir da dignidade (*seriti*, em Sepedi) do ser humano e da negação do absolutismo e do dogmatismo.

O segundo aforismo – *Feta kgomo o tshware motho* – significa que se e quando uma pessoa enfrenta uma escolha decisiva entre a riqueza e a preservação da vida de outro ser humano, ela deve optar pela preservação da vida. Neste sentido concorda com os provérbios Gikuyu*: *Kiunuhu gitruagwo* (a avareza não alimenta) e *Utaana muingi uninagira murokeruo ng'ombe* (generosidade a mais esgota as vacas daquele que foi visitado pela manhã). Isto significa que o cuidado mútuo e o partilhar entre si precede a preocupação com a acumulação e com a proteção de riquezas. De acordo com essa filosofia, o ser humano individual deve ser encarado não apenas como um provedor de valores, mas como um valor básico e principal de entre todos os valores. Uma organização social e política baseada em princípios contrários a este princípio básico já contém em si mesma fontes de instabilidade, conflito e guerra. O desejo e a orientação de possuir e consumir mais em detrimento dos outros convida à resistência que pode, em última instância, levar à guerra. Em sociedades nas quais a

veneração ao Dólar comanda a devoção tanto de ricos como de pobres e numa era de fundamentalismo econômico em que a soberania do dinheiro substituiu o ser humano como valor fundamental, o imperativo para a preservação da vida corre um perigo claro e imediato. Este é o caminho da globalização neoliberal contemporânea, que empurra grande parte da humanidade para sua armadilha de pobreza estrutural. O princípio da solidariedade juntamente com os princípios da partilha e do cuidado mútuo tem todos sido alvo de ataque pela globalização capitalista. Nestas circunstâncias, o discurso dos direitos humanos, em especial o direito à vida, dificilmente pode ser credível ou ganhar maior legitimidade. A filosofia ocidental dos direitos humanos enfatiza a ideia do ser humano como uma entidade fragmentada sobre a qual os direitos podem ser agregados na base da contingência, enquanto a concepção africana sublinha a ideia do ser humano como uma totalidade, tendo seus direitos assegurados como tal. As implicações práticas destas ênfases diferenciadas tornam-se evidentes na globalização capitalista atual, cujos efeitos negativos contradizem a máxima *Feta kgomo o tshware motho.* Concluo afirmando que, longe de ser uma nostalgia por uma tradição obsoleta, a evocação da filosofia *ubuntu* dos direitos humanos é um desafio legítimo à lógica mortal da busca do lucro em detrimento da preservação da vida humana.

* *Gikuyu*: língua falada no Quênia

Fonte: Mogobe Ramose. Globalização e Ubuntu. In: B.. S. Santos; M. P. Meneses. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 211-213.

QUESTÃO

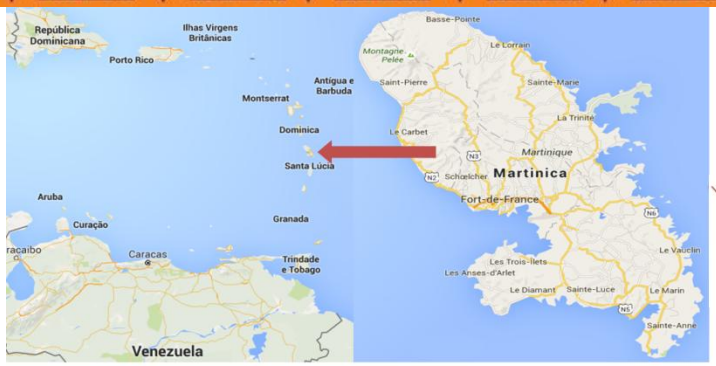
1) Como o conceito de dignidade humana presente na filosofia Ubuntu serviria como base para a desconstrução do Racismo?

ENTENDENDO AS PALAVRAS

Ubuntu é atualmente duas palavras em uma. Consiste no prefixo *ubu* e na raiz *ntu*. *Ubu* evoca a ideia da existência, em geral. *Ubu* aberto à existência é sempre orientado para um desdobramento, que é uma manifestação concreta, incessantemente contínua, através de formas particulares e modos de ser. Neste sentido, *ubu* é sempre orientado para um *ntu*. Enquanto *ntu* é um ponto no qual a existência assume uma forma concreta ou um modo de ser no processo contínuo de desdobramento que pode ser formalmente distinto. *Ubu* e *ntu,* portanto, não são radicalmente separáveis e realidades irreconciliavelmente opostas. Pelo contrário, são mutualmente fundadas no sentido em que são dois aspectos da existência com uma unicidade e inteireza indivisível.

Mogobe Ramose. *Filosofia do Ubuntu e Ubuntu como filosofia* (adaptado)

Filósofos e Filósofas Africanos



Sobonfu Somé

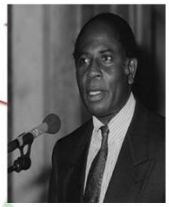
Frantz Fanon

L. Senghor

Alguns pensadores da Filosofia Africana como **Theóphile Obenga** comprovam a existência de textos filosóficos no Egito a mais de 2780 anos antes da Era Comum e sua influência posteriormente sobre os filósofos do pensamento grego antigo.

Amílcar Cabral

P. J. Hountondji



Odera Oruka

Kwame Nkrumah

K. Anthony Appiah

V. Y. Mudimbe

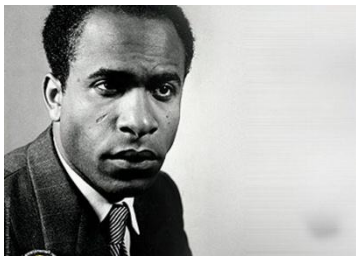
M. Ramose

Fonte: Google Maps

Apresentamos abaixo uma lista com alguns dos autores e autoras citados neste caderno. Assim, você poderá conhecer um pouco mais sobre cada filósofo e filósofa destacado.

Kwame Anthony APPIAH (1954). Filósofo ganês. Escreve sobre identidade, história, colonialismo e ética. Atualmente é professor na Universidade de Nova Iorque. Algumas obras importantes: *Na casa do meu pai: a África na filosofia da cultura* e *O código de honra: como ocorrem as revoluções morais.*

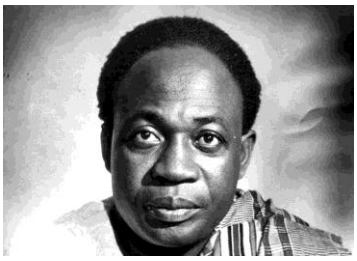
Amílcar CABRAL (1924-1973). Nasceu na Guiné-Bissau, mudando-se, ainda criança, para Cabo Verde. Agrônomo de profissão, estudou em Portugal. Organizou o PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde) em 1956. Líder da guerra da independência contra o colonialismo português. Autor de textos importantes como *Libertação Nacional e Cultura* e *O papel da cultura na luta pela independência.*



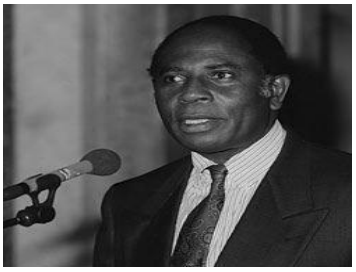
Frantz FANON (1925-1961). Martinicano-francês, médico psiquiatra e filósofo. Estudou na França e posteriormente se mudou para a África do Norte, onde participou dos movimentos de independência da Tunísia e Argélia. Para Fanon, em todo povo colonizado foi introjetado um complexo de inferioridade. Suas análises sobre o colonialismo, o racismo e a inferiorização do colonizado e do negro encontram-se descritas principalmente nas obras *Pele negra, máscaras brancas* e *Os condenados da terra*.

Paulin J. HOUNTONDJI (1942). Filósofo e político beninense. Professor na Universidade de Cotonou (Benim). Os escritos de Hountondji enfatizam a necessidade de liberdade política e o debate acerca da filosofia e da ciência em África. Obras: *Sobre a "filosofia africana": Crítica à etnofilosofia* e *Filosofia Africana: Mito e Realidade.*

Valentin-Yves MUDIMBE (1941). Nascido na República Democrática do Congo. Filósofo, professor e autor de poemas, romances, bem como livros e artigos sobre a cultura Africana e história intelectual, estudando sobretudo as representações de viajantes, missionários e cientistas sobre a África. Obras fundamentais: *A invenção da África: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento* e *A ideia de África*.

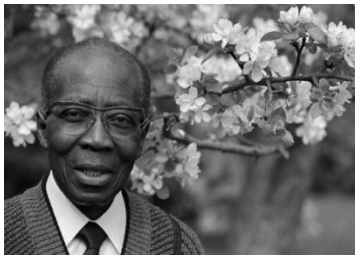


Kwame NKRUMAH (1909-1972). Filósofo e líder político ganês, um dos principais representantes do Pan-Africanismo. Presidente de Gana de 1960 a 1966. Algumas obras importantes: *Consciencismo: filosofia e ideologia para descolonização* e *Neocolonialismo: último estágio do imperialismo.*



Henry Odera ORUKA (1944-1995). Filósofo nascido no Quênia. Ficou mais conhecido pelo projeto da Filosofia da Sagacidade no qual a partir de entrevistas descreve a influência de diversos personagens tidos como sábios-filósofos na cultura dos povos africanos ressaltando suas formas de pensar. Obras principais: *Filosofia da Sagacidade: pensadores indígenas e o debate moderno sobre a filosofia africana* e *As perguntas básicas sobre a filosofia-dos-sábios em África.*

Mogobe Bernard RAMOSE (1945). Filósofo sul-africano. Professor de filosofia na Universidade da África do Sul (Pretória). Desenvolve suas pesquisas nos campos da filosofia africana e da filosofia política, do direito e das relações internacionais. Autor, dentre outros, de *Filosofia africana através do Ubuntu* [African philosophy through Ubuntu]; dos artigos "Sobre a legitimidade da filosofia africana" (revista Ensaios Filosóficos, vol. IV, 2011) e "Globalização e Ubuntu" (no livro organizado por B. S. Santos e M. P. Meneses. *Epistemologias do Sul)*.



Léopold Sédar SENGHOR (1906-2001). Senegalês, poeta, educador, ensaísta e político. Teórico da *négritude*. Primeiro presidente de seu país. Sua obra tem como tema principal a cultura africana e o seu etilo aproxima-se com a literatura francesa. No campo da filosofia destacam-se as obras: *Negritude e Humanismo* e *Para uma releitura africana de Marx e Engels*.

Sobonfu SOMÉ (povo dagara, país Burkina Faso). Filósofa, professora e ativista, uma das vozes mais importantes na espiritualidade africana. Percorre o mundo compartilhando a rica vida espiritual e da cultura do povo dagara. Autora do livro *O espírito da intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre relacionamentos* (publicado no Brasil pela editora Odysseus).

FILOSOFIA LATINO-AMERICANA: PERSPECTIVAS AFRO-BRASILEIRAS

Atualmente na América Latina algumas correntes filosóficas buscam alternativas teórico-práticas para além da filosofia conhecida comumente nos manuais e textos mais divulgados sobre a disciplina. Tais perspectivas apontam que a filosofia ensinada e divulgada nos estabelecimentos de ensino tem contribuído pouco para reflexão sobre as questões de nosso contexto como, por exemplo, o racismo, os conflitos étnicos, a dinâmica dos movimentos sociais, a compreensão de expressões culturais e artísticas marcadas pelas influências africana e indígena, a religiosidade popular, a alienação cultural, dentre outras.

Nessa linha de investigações novas propostas filosóficas têm surgido no país. Aqui destacaremos as perspectivas afro-brasileiras mais recentes desenvolvidas por filósofos nacionais, sobretudo professores universitários que se dedicam ao ensino de filosofia articulado com a filosofia africana e latino-americana. Essas elaborações pretendem criar uma filosofia que pense a partir das referências culturais próprias do contexto brasileiro, destacando os elementos africanos presentes em nossa maneira de ser e de viver. Para isso, promovem um diálogo amplo com as filosofias de matrizes africanas, europeias e latino-americanas, além de construírem conceitos tomando como ponto de partida práticas sociais como o samba, o futebol, as religiões afro-brasileiras, as formas de economia popular e os modos de organização social e política das comunidades populares.

Nesta parte apresentaremos trechos de livros com representantes das perspectivas filosóficas afro-brasileiras. Ao final de cada texto serão indicadas referências para aprofundar a pesquisa sobre o tema.

No texto abaixo, Renato Noguera define o afroperspectivismo e discorre sobre suas implicações para a história da filosofia. E aponta a necessidade de se repensar a história da filosofia vigente nos livros e manuais sobre o assunto.

AFROPERSPECTIVISMO

Renato Noguera, *professor de Filosofia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). É responsável pelo grupo de pesquisa Afroperspectivas, Saberes e Interseções (AFROSIN) e pelo projeto Filosofando com Sotaques Africanos e Indígenas, que atua nas escolas da rede pública municipal de Seropédica (RJ). Autor de livros e artigos sobre afroperspectivismo, ensino de filosofia, relações étnico-raciais, ética e infância.*

[Afroperspectivismo e História da Filosofia]

Em linhas bem gerais, uma abordagem filosófica afroperspectivista é pluralista, reconhece diversos territórios epistêmicos, é empenhada em avaliar perspectivas e analisar métodos distintos. Tem uma preocupação especial para a reabilitação e o incentivo de trabalhos africanos e afrodiaspóricos em prol da desconstrução do **racismo epistêmico** antinegro e da ampliação de alternativas para uma sociedade intercultura e não hierarquizada.

Uma incursão afroperspectivista sobre a história da filosofia se caracteriza mais por explorar perspectivas pouco exploradas do que pela denúncia. Sem dúvida, a denúncia do racismo epistêmico é

importante. Mas, em termos afroperspectivistas, estamos ainda mais preocupados com o caráter proativo que pode ajudar a enriquecer pesquisas e estudos em qualquer área do conhecimento, aqui especialmente no campo da filosofia. Ainda que seja necessário criticar, descrever e rechaçar as implicações da injustiça epistemológica que atinge as produções filosóficas africanas, o aspecto mais edificante está justamente nas alternativas e perspectivas quase desconhecidas que podem sugerir argumentos, pontos de vista, ideias e conceitos em favor de caminhos inusitados, criativos e propositivos sobre ética, política, ciência, religião, sexualidade, educação, relações étnico-raciais e de gênero, entre outros assuntos e temas.

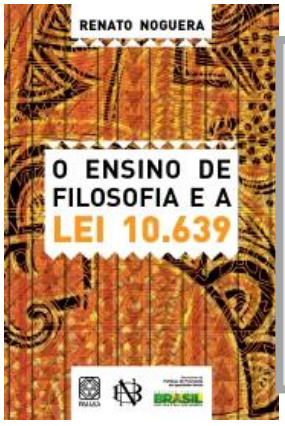
Numa visão afroperspectivista, a filosofia grega na Antiguidade pode ser mais bem compreendida num diálogo com os filósofos egípcios. Neste caso, os manuais de história da filosofia incluiriam algumas modificações. […]. Afinal, se Tales de Mileto, Anaximandro, Anaxímenes e Pitágoras, entre outros filósofos, estudaram no Egito, por que desconsiderar essas heranças? No caso da Escola Pitagórica, a herança filosófica egípcia é marcante, além de Pitágoras ter vivido no Egito por estimados 22 anos. Os preceitos dessa Escola de filosofia eram muito semelhantes aos adotados na Escola filosófica do antigo Egito

Fonte: Renato Noguera. *O ensino de Filosofia e a lei 10.639*. Rio de Janeiro: Pallas/Biblioteca Nacional, 2014, p. 68-69.

Racismo Epistêmico

"O racismo epistêmico ou epistemológico é uma das dimensões mais perniciosas da discriminação étnico-racial negativa. Em linhas gerais, significa a recusa em reconhecer que a produção de conhecimento de algumas pessoas seja válida por duas razões: 1º) Porque não são brancas; 2º) Porque as pesquisas e resultados da produção de conhecimento envolvem repertório e cânones que não são ocidentais. Penso que a disputa para derrotar, ainda que parcialmente, o racismo epistemológico está no esforço por diversificar as leituras. Combater a injustiça cognitiva começa por deixarmos de privilegiar os modelos epistemológicos ocidentais. […]. É preciso analisar o objeto de conhecimento por ângulos diferentes, mas também por meio de modelos de racionalidade diversos. Isto certamente servirá para enriquecer nosso acervo cognitivo".

(*Afroperspectividade: por uma filosofia que descoloniza*. Entrevista de Renato Noguera a Tomaz Amorim. 11/07/2015)



Na obra **O Ensino de Filosofia e a Lei 10.639** Renato Noguera apresenta referenciais teóricos, indicações de obras e sugestões práticas para a inclusão de conteúdos de cultura e filosofia africanos e afro-brasileiros no ensino de filosofia.

FILOSOFIA DA ANCESTRALIDADE

Eduardo Oliveira, professor de Filosofia da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Coordena o Grupo de Pesquisa Griô: Cultura Popular e Diáspora Africana. Suas pesquisas abordam os temas: filosofia da ancestralidade, ética, filosofia latino-americana, antropologia social, educação e movimentos sociais populares, cosmovisão africana, estudos afro-brasileiros, literatura africana. Assessora movimentos sociais populares, na área de negritude, educação popular e economia solidária.

No texto a seguir, Eduardo Oliveira constata o "desencantamento do mundo" promovida pela razão ocidental e aponta uma outra forma de relação com o mundo e com o outro baseada no encantamento e na ancestralidade.

[Ancestralidade, Encantamento e Ética]

A razão ocidental - pragmática, instrumentalista, calculista, árida, numa palavra, desencantada - matou o mistério e desencantou seu mundo. A religião transformou-se em ideologia, quando muito, ou em fraude, com frequência. A ciência entrou no buraco-negro da especialidade e abdicou do seu sonho de dar sentido ao mundo. A política caiu em si em seu devaneio idealista e irrompeu o mundo da realidade como um mal necessário, não como uma promessa de salvação. A academia, salvo linhas-de-fuga que lhe atravessam, acomodou-se na estrutura medieval que lhe dá contorno, substituindo a batina escura pelo avental branco. A economia já não é uma ciência social aplicada, mas uma comunidade privada de especuladores. A filosofia tornou-se um ventríloquo que repete sua tradição à exaustão, fatigando quem consome, entorpecendo quem produz. Mas além desse mundo desencantado, há outros que co-habitam o tempo-espaço da realidade que mantiveram seu movimento, sua ginga, seu compasso. Produzidos pelo encantamento, encantamento produzem.

O encantamento não é um estado emocional, de natureza artística que nos arrebata os sentidos e nos impõe sua maravilha. […] *O encantamento é uma experiência de ancestralidade que nos mobiliza para a conquista, manutenção e ampliação da liberdade de todos e de cada um* [grifo nosso]. Assim, é uma ética. Uma atitude que faz sentido se confrontada com o legado dos antepassados. Confrontamento que faz sentido se atualizado na contemporaneidade. Estamos para além do conceito de tradição e longe do conceito de folclore. A ancestralidade é uma forma cultural em si mesma ética porque o contorno de seu desenho é uma circularidade que não admite o excluído. […] Uma ética, então, que não rejeita a complexidade do mundo.

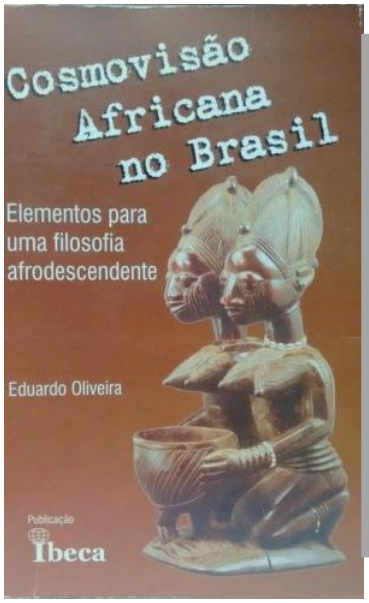
A ética da ancestralidade é comunitarista e compreende perfeitamente que a comunidade não é uma abstração conceitual, nem utópica, mas uma realidade da maior importância para o exercício da vida plena e da cidadania. De volta o discurso idealista? Não! Parte-se da África inventada no Brasil que é o lugar daqueles que sobreviveram por um motivo simples: não se deixaram converter em indivíduos, e mantiveram-se comunidades. Não fosse isso, teríamos desaparecido, enquanto experiência de resistência, permanência e consistência da face da Terra! [...]

O Outro, excluído ou não, é o critério da ação ética, pois nele reside o elemento ontológico que nos vincula ao mundo e não que nos subtrai dele. O Outro é o Mundo! Esse é o fundamento ontológico de uma epistemologia antirracista que tem na ancestralidade africana sua forma cultural privilegiada.
Esse também é o fundamento de uma educação antirracista alicerçada na cultura de matriz africana recriada no Brasil e na América Latina, base de nosso programa filosófico educativo. Esta a proposta da Filosofia da Ancestralidade em diálogo fecundo e criativo com a educação das relações étnico-raciais, baseada na experiência africana ressemantizada no Brasil e, desde o Brasil diaspórico negro conectar-se com o mundo contemporâneo.

Fonte: Eduardo Oliveira. Filosofia da Ancestralidade como Filosofia Africana: Educação e Cultura Afro-Brasileira, *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*, n. 18, maio-outubro/2012, p. 42-45.

Ancestralidade

Segundo **Eduardo Oliveira**, a ancestralidade é o principal elemento da cosmovisão africana no Brasil, um signo da resistência afrodescendente no país. Nasce como experiência das formas religiosas e artísticas da cultura afro-brasileira. Como conceito, a ancestralidade permite compreender as múltiplas experiências de africanos e afrodescendentes. Além disso, ela implica uma ética fundamentada nos princípios da inclusão social, do respeito às diferenças, na convivência sustentável do ser humano com a natureza, no respeito à experiência dos mais velhos, na complementação dos gêneros, na diversidade, na resolução dos conflitos, na vida comunitária.

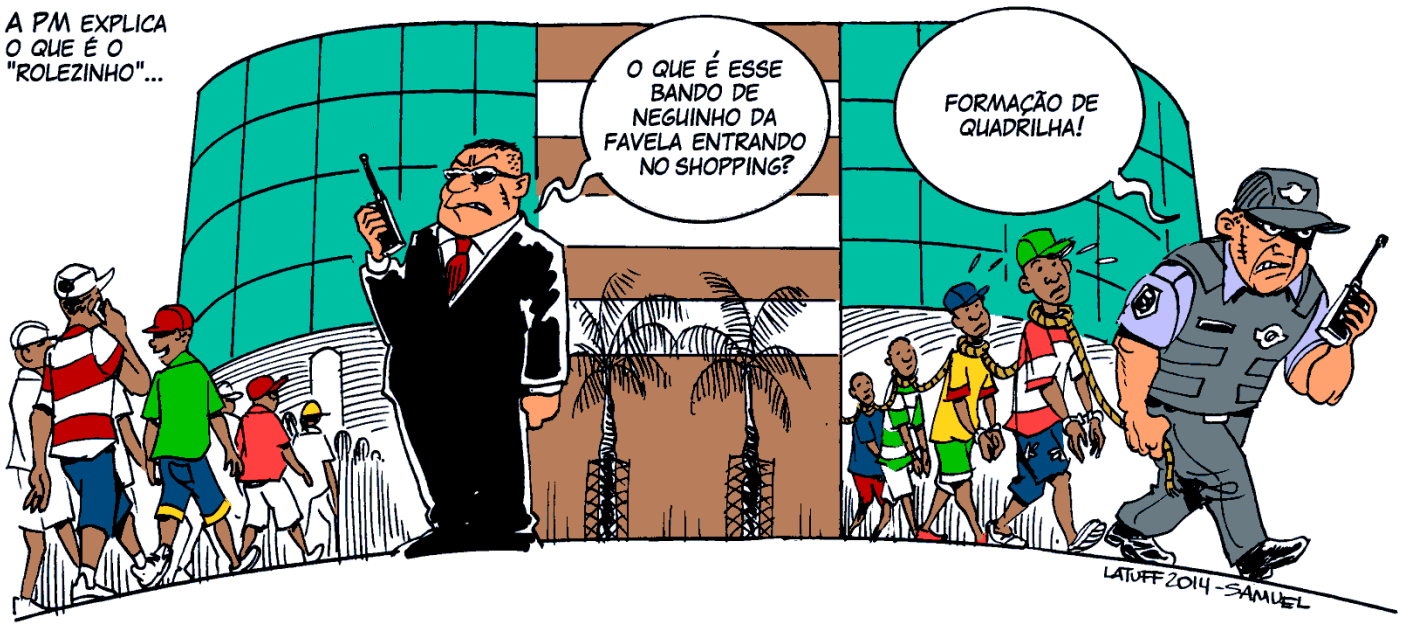


O livro **Cosmovisão africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente**, de Eduardo Oliveira, investiga a história e cosmologia dos africanos e de seus descendentes como um sistema de valores e princípios que, apesar do sofrimento, emergiu promovendo vida, diversidade, integração e respeito pelo passado.

No seguinte trecho retirado do texto *Racismo e Cultura*, Frantz Fanon busca explicitar que o racismo constitui-se como opressão **sistematizada de um povo**, ou seja, não se trata apenas de casos isolados de "má fé", mas sim de um sistema político-social fundado sobre o suposto direito de uma raça (considerada pura e superior) de dominar outras.

"(...) É por isso que, na maioria das vezes, a opressão militar e econômica precede, possibilita e legitima o racismo. O hábito de considerar o racismo como uma disposição do espírito, como uma tara psicológica, deve ser abandonado." (Fanon)

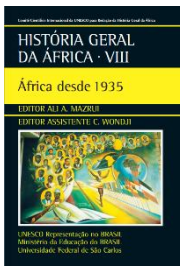
Nos últimos anos, vimos surgir o fenômeno do "rolezinho" em muitos lugares pelo país. Trata-se de uma prática de sociabilidade comum entre os jovens da periferia. São encontros marcados nos shoppings das grandes cidades com as seguintes finalidades: conhecer novas pessoas, fortalecer laços de amizade, entretenimento e, no limite, reafirmar a própria existência em face de uma sociedade excludente.



"A classe média vê os sujeitos vestindo as mesmas marcas que ela veste (ou ainda mais caras), mas não se reconhece nos jovens cujos corpos parecem precisar ser domados. (...) Se há poesia da política do "rolezinho" é que ela é um ato fruto da violência estrutural (aquela que é fruto da negação dos direitos humanos e fundamentais): ela bate e volta. Toda essa violência cotidiana produzida em deboches e recusa do Outro e, claro também por meio de cacetes da polícia, voltará a assombrar quando menos se esperar." Etnografia do "rolezinho". Rosana Pinheiro-Machado, 2012.
(Disponível em: http://www.cartacapital.com.br/sociedade/etnografia-do-201crolezinho201d-8104.html)

Considerando a afirmação do filósofo Frantz Fanon e a prática social do "rolezinho", **elabore um texto reflexivo sobre o racismo** enquanto um fenômeno presente na sociedade brasileira.

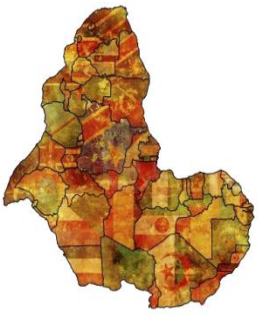
SUGESTÕES



História Geral da África vol. VIII (África desde 1935)
Trata-se do volume VIII da importante História da África publicada pela Unesco. Neste volume, editado por Ali A. Mazrui e Christophe Wondji são apresentados os desdobramentos políticos, econômicos e culturais do continente africano desde 1935. O capítulo 21 “Tendências da filosofia e da ciência na África” traz um panorama das diversas pesquisas científicas e correntes filosóficas do continente. Todos os volumes da coleção História Geral da África podem ser baixados no site
http://portaldoprofessor.mec.gov.br/materiais.html

Revista CULT – Dossiê Filosofia da Ancestralidade
A Revista CULT, publicação mensal sobre cultura no Brasil e no mundo, publicou em agosto de 2015 (edição número 204) um dossiê sobre a Filosofia da Ancestralidade. Aí são apresentados textos e entrevistas de estudiosos do assunto.

Filosofia Africana e Ensino de Filosofia
Palestra do filósofo e professor Wanderson Flor do Nascimento (Universidade de Brasília) sobre filosofia africana e ensino de filosofia no programa Prazer em Conhecer, da UnB TV. O vídeo possui 59 minutos e está disponível no youtube.



Filosofia Africana
Site que disponibiliza materiais em língua portuguesa que possam subsidiar pesquisas sobre a filosofia africana e afro-brasileira, assim como auxiliar na tarefa de professoras/es do ensino fundamental e médio em acessar recursos ainda pouco conhecidos em nossa língua. O site é parte da pesquisa "Colaborações entre os estudos das africanidades e o ensino de filosofia", desenvolvido pelo professor Wanderson Flor do Nascimento, na Universidade de Brasília e em interação com o Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Raça, Gênero e Sexualidades Audre Lorde - GEPERGES Audre Lorde (UFRPE/UnB-CNPq).
Endereço: **filosofia-africana.weebly.com**

Geledés
Portal do Geledés - Instituto da Mulher Negra, organização política de mulheres negras que tem por missão institucional a luta contra o racismo e o sexismo, a valorização e promoção das mulheres negras. O Portal Geledés apresenta várias discussões sobre racismo e informações sobre artistas, políticos e intelectuais negros do Brasil e do mundo.
Endereço: **www.geledes.org.br**

Por dentro da África
Site dedicado ao continente africano com notícias, pesquisas, teses e coberturas exclusivas desenvolvido pela jornalista Natalia Luz.
Endereço: www.pordentrodaafrica.com

Créditos

Prof. Rodrigo Marcos de Jesus — Dep. Filosofia/UFMT

Prof. Edson Negri — E.E. Presidente Médici

Prof. Juarid Candido (JC) — E.E. Francisco A. Ferreira Mendes

Bolsistas: Adriana Mendes, Ana Stela, Beatriz Cristina, Bruno Moura, Douglas Castro, Everton Alves, Frederico Coutinho, Giulia Lima, Jeniffer Regina, Kalleman Ramos, Liza Carolina, Maria Eloisa, Mariana Neves, Silio Giovanelli, Thiago Corrêa.

UFMT

Pibid
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA

CAPES

Escola Estadual Presidente MÉDICI

PIBID Filosofia Cuiabá - UFMT

Ferreira Mendes

Contatos

www.pibidfilosofiaufmt.wix.com/pibidfilosofiaufmt

PIBID - Filosofia UFMT; Escola Ferreira Mendes Cuiaba-mt; EscolaEstadualPresidenteMedici.

pibidfilosofiaufmt@gmail.com

Pibid Filosofia Ufmt Cuiabá